

sos meandros do oceano.

Mais tarde acharam a triste-sinha entre dous cadaveres.

Não havia perdido nenhuma de suas joias que brilhavam alli, aos raios de um sol amigo.

Deus protege os pequenos e os humildes.

—
Outro facto litterario dos quinze dias que estou chronicando é a leitura da *Lyra Sertaneja*, do Sr. Castello Branco, em sessão do Club.

Mais do que para a apresentação de um livro novo, serviu a leitura para estrea das palestras, muito proveitosas e muito agradaveis.

Sem grandes pretensões, mas com grandes estimulos, enveredou o *Club Litterario* no caminho que se traçou e não se pode com muita razão duvidar que chegue em paz e salvamento ao porto de seu destino.

O principio é promettedor.

A muita gente parecerá de uma insipidez grandemente bocejante e soporifera isto de sahir de casa para conversar litteratices.

Questão de gosto.

Cá por mim voto pelas palestras puxadas a erudição. Entre dormir sonhando com a *macaca* dos azares ou com o enredo da ultima theoria critica ou philosophica, prefiro levar para entre os linhos do meu leito as impressões que me trouxe ao espirito esta 2.^a maneira de passar os serões.

Bem haja, pois, quem inventou palestrar utilmente, mansamente, sem escala pelas tortuosidades da politica ou pelo delicado labyrintho da vida alheia.

—
Emquanto o nosso humilde meio movimenta-se deste modo auspicioso e animado, pro-

mettendo muito e produzindo já alguma cousa; para outros, mais ricos, mais protegidos, mais mergulhados em luz, o-bumbram-se os pharoes que indicam o caminho do futuro, ennoita-se o horisonte e cae o manto da treva mesmo no pedaço de céu que se apresentava mais cor de rosa.

No Recife, ninho d'aguias, viveiro d'onde, de quando em vez, partem revoadas alegres e ruidosas de condores predestinados, armados para a cruzada da gloria, com o verbo da verdade e da justiça no garrulo biquinho e entre os dedos nervosos, ainda cançados do manusear constante do *Corpus Juris*, o canudo symbolico, cornucopiade inexaurível saber; no Recife, a Veneza Brazilia, centro grande e rico escolhido para séde de uma das nossas poucas escholas de ensino superior, commetteu-se dentro destes quinze dias mais um crime barbaro:—á mingua de assignantes morreu a *Revista do Norte*, cuja vida não deixa nada a desejar áquellas rosas condemnadas com chapa estafada e macrobia

Deus tenha a *Revista* por muitas eternidades em sua santa gloria, sem *A Quinzena*, mirrada planta exotica, indigena dos paizes privilegiados, que vegeta aqui neste canto safaró, a custa d'um moirejar constante e pesado como o buril de um infeliz lançado pelo infortunio ao escuro tetrico do convento.

Pobre da *Revista do Norte* !...

—
Das letras ás artes é menos que do Capitolio á Rocha Tarpeia.

Fecho, pois, a chronica dos quinze dias com a noticia da chegada de uma companhia equestre e gymnastica, gene-

ro altamente sahoroso ao paladar do nosso publico.

Aqui, onde as companhias lyricas mal conseguem *sahir pelo becco*, quando não se dão por fallidas, as de cavallinhos prosperam, tornam-se *great attraction* e levam consigo boas e numerosas notas que lhes dão ricos e pobres.

Enão censuro por isso o gosto publico, como faz muita gente.

É um genero de espectaculos que tem a virtude de transportar-nos em memoria aos tempos felizes da divina Grecia e, si é por isso que o Zé-povinho cá da terra os applaude, muita razão e muito gosto tem o Zé-povinho.

Agora si é por causa do palhaço...

Ainda assim, quem sabe si o publico não tem razão?

As operas não dão para rir ao passo que os palhaços são machinas de gargalhadas e de gargalhadas é que nós precisamos.

Divirta-se, pois, o publico dos cavallinhos e o commercio que peça novo sortimento de fitas e setins para bouquets, bandeiras e distinctivos dos partidos que vão levantar-se valentes e gritadores.

J. L.

DESERTO

Esta casa que vês arruinada,
Solitaria e deserta no caminho,
Foi outr'ora de noivos casto ninho
De illusões e de risos povoada.

E hoje, como funebre morada...
Já não conserva o traço de um cari-
(nho,
Nem se ouve o trinar do passarinho
Em seu muro ao romper da madru-
(gada.

Assim meu coração d'antes repleto
De esperanças e candidos amores
E' hoje como um tumulto, deserto;

E o vergel onde outr'ora as lindas
(côres

Das rosas de um porvir risonho e
Brilhavam, tem espinho em vez de
(certo em vez de flores!

F. CLOTILDE

O Manoel Basta

A F. MOREIRA DE VASCONCELLOS

Desde creança que elle era triste, amarello e scismatico.

Vivia encolhido; não gostava de estrafegar, correr ou jogar pedradas, como faziam os rapazes da sua idade, ao longo dos caminhos vermelhos e pedregosos, ao entardecer dos dias, quando as bôae-noites sulferinizam as cêrcas e alargam expansivamente a redondeza alegre das petalas, d'onde se ergue uma aromatisação fresca e hygienal, emquanto o sol desapparece saudoso pelo outro lado da montanha.

Nunca a ruidosa brincadeira de *boi*—tão predilecta e tão querida dos companheiros—o attrahira e arrastava, nem mesmo a caça, a bodóque, dos passarinhos esthéticos e coloridos que dobram festivamente pelas ramadas, na preciosa liberdade dos campos!

Elle era «um molleza» como o chamavam o Nidal e o Justino, dois quebras da visinhança que viviam a estropear, a bodocadas, os cães e as gallinhas dos outros, e a roubar, de noite, cavallos nos pastos para assistir aos fandangos longinguos, lá para a banda das Aranhas.

A Sebastiana, uma magricella de pescoço comprido e regateira, que morava na encruzilhada do caminho da praia, e habituára-se a estar, até muito tarde, de lume na cosinha, sentada no portal da rua, pelas noites enluardas e limpas, pelo que passava por *bruxa*,—quando via os dois

madrachos desfilarem á galope, agitando a silenciosidade soturna e remançosa d'aquellas paragens, com um som estriduloso de patas que se perdia pela noite á fóra, —praguejava, enfurecia-se, chamava-os de estupôres, raios, desejava-lhes desgraças, uma morte affrontosa.

Entretanto, elogiava o Manoel Basta, dizendo-o bem ensinado, obediente á mãe e ás pessoas mais velhas, com modos de rapariga que se cria a pancadas.

A vida do Manoel Basta, era aquestrar-se ao sol todas as manhãs, entorpecido, anemico, sentado n'uma pedra, na frente da casa, carpinteirando canoasinhas de cortiça ou fazendo gaiólas e arapucas para agarrar gaturamos, os bons gaturamos da Caeira, de papo amarello e bico recurvo que dizem rebentar de cantadores; ou então, á noite, ouvir historias de feiticeiras, almas do outro mundo e lobishomens, acreditando d'aquillo, medroso, acorando junto ao brásido confortavel e clareante, de mãos abertas, voltadas para a quentura, de olhos arregalados de attenção, pregados na mãe, que frazeava o enredo complicado das lendas nocturnas, com entonação phantastica e penetradora, esparramada sobre um velho pedaço de esteira, fazendo zunir e rodar déstramente o fuzo, entre os dedos, na branca fiagem do algodão.

Capinava tambem, seu bocado, todos os annos, um pedacinho de terra, d'onde tirava alguns alqueires de farinha, e costumava ir a praia, ajudar a puxar as rêdes, pelo tempo das tainhas.

A mãe, desde madrugada, começava a lidar, a inovimentar o tear até a noite; e aquelle bater continuo do appare-

lho, que se ouvia ao longe, á luz amornentadora e somnalisante de um forte sol de aldeia, era como que o grito de vida, a nóta sonora da Industria e do Trabalho, que sahia do pobre lar, incessante, monotona e prolongada, havia uma trintena de annos!

E assim viviam, o Manoel Basta e a mãe, tranquillos na sua penuria, escrupulosos na sua honradez, sem pedirem nada á ninguem.

Mas, uma vez, entrou o Manoel a inchar tanto e a ter taes cançamentos, que a mãe assustou-se e mandou buscar remedios na cidade para tratar o, fazendo-o tambem tomar mesinhas, uns cosimentos caseiros, que lhe ensinavam.

Entretanto o inverno chegava encarniçado e inclemente, como uma destruição.

O sustento escasseava de um modo rapido e extraordinario; todas as manhãs, lençoes de neve ostentavam fóra, a brandidão fulgurante e crúa de sua frialdade.

Na cosinha, já não existia o bom fogo consolador de outros tempos, no desalento d'aquella casa!

Uma desgraça.

E o rapaz, que peiorava de dia em dia, observando-se quasi a estourar, expirou uma noite, ao monotono tamborillar da chuva sobre as telhas esburacadas e corridas.

Então, a velha mãe amantissima, ao vêr-se isolada e sem defeza, ao ataque brutal e desorientante da dôr, atirou-se para a entrada, em busca de soccorro, escabellada, rôta, sem crenças, a blasphemar contra Deus doudo, completamente douda!

VIRGILIO VARZEA.

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

REDACÇÃO : JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N. 9

FORTALEZA, 15 DE MAIO DE 1887.

SUMMARIO

Origem da palavra «Aquiraz»—PAULINO NOGUEIRA.
A mãe louca—ANTONIO SALLES;
O papel da poesia—R. FARIAS BRITTO;
Aqui—BRUNO JACY;
Pobre Moysés que o não foste!—OLIVEIRA PAIVA;
Nobre—JOSE OLYMPIO;
Brincar com cinza—F. CLOTILDE;
Mariposa—J. D.;
Quinze dias—J. L.

EXPEDIENTE

Assignaturas

CAPITAL

Trimestre 28000
Semestre 48000
Anno 88000

INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre 58000
Anno 108000

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

Origem da palavra «Aquiraz»

O conselheiro Araripé, na sua *Historia do Ceará*, pag. 110, dá a palavra *Aquiraz* por nome de uma antiga villa de Portugal, e é esta a versão commun.

Penso, porem, que é puramente indigena, já profundamente adulterado, o nome da primeira capital do Ceará.

Si assim não fosse, devera constar do *Mappa de Portugal*, de João Baptista de Castro, e do *Diccionario Geographico*, tambem de Portugal, de Paulo Perostello da Cama-

ra; e de ambos nada consta.

Por outro lado, si ainda assim não fosse, a *Aquiraz* deveria ter precedido um nome indigena, como acontece com todos os logares d provincia; e ainda nada consta a este respeito.

Ao contrario, folheando-se os antigos registros da Camara municipal do Aquiraz, encontra-se nelles, repetidas vezes,—*Aquiraz, Akiras, Akirazes*—*gentio desta terra*. Ora, não é provavel que, para o *gentio da terra* os colonos fossem buscar o nome de uma villa europea, sendo antes certo que geralmente a denominação das tribus indigenas era *acceita* e não *imposta* pelos mesmos colonos. Estes applicavam aos selvagens os nomes que ouviam elles dar a si ou aos outros só por factos muito singulares os povoadores civilizados do lugar tiravam nomes para os indios, como succedeu com os *botocudos, canoeiros, cavalleiros* e outros, os quaes tinham aliás suas denominações proprias, conhecidas no seu idioma, como *purús, payaguís, guay-curús* etc.

Mas o que acaba de tirar toda duvida é a seguinte nota em latim do padre John Brei-
ver no jornal allemão *Christoph Gottlieb Von Murr, Journal Zur Kunstgeschichite allegemeinen Litter tur. parte XVII pag 273—274*, impresso em Niemberg em 1789:

«Notandum in oppido hujus Capitanie principali-4-

goaikirá-dicto (Lusitani corruptè vocant- Iquiras vel : kiraz) et ejus vicinia pluviam communiter incipere «d solis occasum et durare usque ad meridiem sequentis diei.»

Traducção:—«Deve-se notar que na principal cidade desta Capitania, chamada Agoaikirá (Em portuguez chamam-na por corrupção—Aquiraz ou Akiraz), não só nas vizinhanças desta a chuva principia communemente ao pôr do sol, como tambem dura até ao meio dia do dia seguinte.»

Vê-se d'aqui que *Agoaikirá* ainda não é a palavra primitivamente indigena; esta devia ser *Igikirá*, de *ig* *agoa* *iki* pouco, visinho, *práimo* e *yrá* adiante; significando—*agoa pouco adiante*. Depois corrompeu-se em *Agoaikira*, já traduzido para o portuguez o *ig*, como se encontra ainda em muitos vocabulos, por exemplo, em *Aquatú*, orthographia do Pompeu tanto no seu *Dic. Top.* como no seu *Ens. Est.*, Tom. 1.º, pag. 37, o que é corruptella de *ig-cati* *agoa* b a ou potavel, nome de uma das maiores lagoas da Provincia. A lei provincial n.º 2035 de 20 de Outubro de 1883 mudou a denominação da antiga cidade da Telha para de *Iquatú* forma hybrida e extravagante.

A etimologia e significação da palavra *Aquiraz* são naturaes. A villa está situada sobre uma colina; banhada pelo rio Pacoty. O indigena

que ahí chegasse, diria naturalmente—*ig-iki yrá, aguai-kira, akirás, ou aquiraz*, como actualmente se escreve; isto é, *agoa pouco adiante*.

Resta-me somente uma só objecção para refutar e concluir.

O Marquez de Pombal, receioso de que, pelo importancia que ia tomando na colonia a lingua tupy, viesse a ser prejudicada a portugueza, entre outras medidas tomou a de ordenar ao governador de Pernambuco, por Carta Regia de 14 de Setembro de 1758, que elevasse a categoria de villas com os nomes de lugares da metropole, as aldeas, fundadas por jesuitas, que contassem, cada uma, de 50 fogos para cima; pelo que aquelle governador baixou ao Capitão-mór da Capitania do Ceará, a Ordem de 6 de Agosto de 1763, em virtude da qual passou Porangaba a Aronches, Caucaia a Soure, Paupina á Mecejana, Baturité a Monte-mór o Novo da America, Caiçara a Sobral, Cariri a Crato Macaboqueiro a Granja, etc.

Porque, perguntar-se-á, a cepção com *Aquiraz*, aliás antiga capital da Capitania?

Não houve excepção, mas simplesmente fiel cumprimento de ordens superiores, que não podiam retrotrahir á uma villa creada desde o começo do século; do mesmo modo que tambem não ponde retrotrahir

Ceará, antiquissima denominação da Capitania e depois Provincia, antes *Paiz do Jaguaribe*.

PAULINO NOGUEIRA.

A MÃE LOUCA

Traz suspensa da mãe dessecada
Uma creança anêmica, franzina,
Que rouba com a bocca pequenina
À vida á pobre mãe alienada.

Nunca bateu na pallida menina,
A quem, com uma ternura sublimada,
Cantarolando meigamente, nina,
Quando ella se estorcega esfomeada.

No insondavel cahos d'essa loucura
Ha uma lucidez perenne e pura,
Que resiste ao simoun da inconsciencia:

E' que o amor maternal é imperecível
E o coração um facho inextinguível
Na tenebrosa noute da existencia.

ANTONIO SALLES.

O papel da poesia

L'inspiration, le je
ne sais quoi, ce qui va
à l'idée et qui frappe
l'âme, sont des mots
écrits en caractères
noirs sur des nuages
bleus.

PROUDHON.

(Conclusão)

Lange estabeleceu o seguinte: «O universo tal como nós o comprehendemos n'uma concepção puramente conforme a sciencia da natureza, não nos pôde inflamar mais do que uma Iliada que se soletrasse. Si ao contra in tomamos o todo como unidade, fazemos pelo acto da synthese entrar nosso proprio ser no objecto, do mesmo modo que introduzimos a harmonia n'uma paisagem quando a contemplamos, por mais numerosas que sejam as discordancias que se possam occultar nos detalhes. Toda a vista de conjuncto está submergida a principios estheticos e cada passo que leva para o todo é um passo que leva para o idéal.»

Ora, o resultado d'esta operação que leva para o todo é justamente o que constitue a philosophia. O fim porem a que se propõe praticamente a philosophia é um outro. Sabe-se que a philosophia é a representação intellectual do universal, o resultado de uma synthese universal no dominio do conhecimento. E, como já tivemos occasião de dizer em uma outra parte, é somente ahí que o homem elevando-se ao conhecimento das altas questões que envolvem a totalidade das cousas e estudando os mysterios profundos da nossa organização, poderá elevar-se á comprehensão do nosso destino

moral, trabalhando assim para a realisação do bem no seio da humanidade.

Tal é o resultado do espirito philosophico do homem e fica deste modo realisada uma das faces do bello.

Acontece, porem, que em face do espectáculo doloroso da vida, vindo por toda a parte o mesmo quadro invariavel da lucta e do soffrimento, isto em todos os seres da natureza, o homem em virtude de tendencias que têm a mesma origem nas profundezas do ser, é levado a occultar na harmonia do todo, as imperfeições parciaes, elevando-se assim á comprehensão de uma regeneração e confundindo em um só fim os destinos da humanidade e do mundo, e em uma só idéa o bem e o bello.

Tal é o resultado do espirito poetico do homem e tal é o dominio da poesia.

Quanto á verdade fica reservada para a sciencia.

Em resumo: o fim da sciencia é a verdade, o fim da philosophia é o bem, o fim da poesia é o bello. E é de uma fusão harmoniosa d'estas tres manifestações fundamentaes; do espirito que hade nascer o principio da regeneração do futuro.

Dê-se agora a palavra a Homero:

“Um arauto apresenta uma lyra magnifica a Phemios que por estrangimento encanta por seus hymnos os amantes de Penelope e que faz retinirem as cordas sonoras para acompanhar os seus accentos divinos.”

Depois, apresenta-se “a mais nobre das mulheres.” Phemios celebra a desgraça dos heróes de Ilion quando ella apparece. E ella “cubriendo então o seu rosto de um véo deslumbrante”:

“Phemios, diz, tu sabes tudo o que encanta os ouvidos dos homens, tu sabes os trabalhos dos mortaes e dos deuses que se comprazem em celebrar os poetas. Faz, pois, ouvir outros cantos. Deixa este assumpto lugubre que sempre em meu seio me fere o coração; um luto immenso desceu sobre mim, tanto eu sinto a ausência d'aquelle cuja memoria não posso esquecer, esse heróe cuja fama espalhou-se na Hellada inteira e ate no centro da Argolida.”

Penelope sentia, pois, uma grande dor ouvindo os cantos de Phemios; mas a razão d'isto é que ella se elevava por esses cantos á contemplação da felicidade, e sonhando com o heróe a quem ama e de quem a separava o infortunio, estreñecia a realidade. Então cubria o seu rosto e desmanchava-se em pranto.

Tem-se ahí, pois, uma confirma-

ção das nossas idéas sobre a natureza da poesia. Homero, o mais sublime genio da antiguidade, o poeta que mais profundamente mostrou o coração humano, faz da poesia uma especie de revelação do futuro, ou melhor, uma especie de elevação para o bem. E' assim que diz do poeta:

«A musa o ama mais que a todos os mortaes e lhe fez conhecer o bem e o mal.»

Ora, a poesia não é outra coisa senão a concentração de todas as forças d'alma para a consecução do predomínio do bem; é, pois, uma aspiração para o melhoramento, um esforço do espirito para elevar-se do circulo estreito e pânico da realidade à concepção harmoniosa do ideal.

Tambem os antigos em geral representam o poeta como um propheta revelado contra as misérias da vida e perdido na contemplação do insondavel, em busca de uma verdade que não é deste mundo. D'ahi a confusão geral que se nota entre a poesia e a religião nas sociedades primitivas. «A biblia é cheia de poesia, Homero é cheio de religião», disse-o M.^o de Stail. E' que a biblia e os poemas de Homero nasceram das mesmas necessidades do espirito. Hoje o ideal deve revestir novas formas. Os deuses morreram e o que caracteriza rigorosamente a poesia moderna é a ausencia do sobrenatural.

Não morreu, porem, o ideal e nem desapareceram as necessidades do espirito; e a poesia terá de sair do seio da civilização contemporanea deixando de uma nova forma e cheia de um vigor capaz de quebrar os laços que ligam o espirito à antiguidade e eleva-lo à contemplação de um novo ideal.

«A poesia, diz Lange, no sentido elevado e extenso em que é preciso admittil-a, não pode ser considerada como um jogo, como um capricho engenhoso tendo por fim distrahir por meras invenções; ella é, ao contrario, um fructo necessario do espirito, um fructo sabido das entranhas mesma da especie, a fonte de tudo o que é sagrado e sublime; é um contrapeso efficaz ao pessimismo que nasce de uma estada exclusiva na realidade.»

A poesia é, pois, destinada a exercer uma das mais altas funcções do espirito. Ella é como uma moral esthetica, preludio de moral propriamente dita" é "a verdadeira interpretação da vida segundo pensava Schopenhauer que adopta em relação ao artista este pensamento do Vedas: *Hæ omnes creaturæ in totum ego sum et præ mialind ens nec est*— embora levado pelos principios de uma moral pessimista colloque o ponto culminante da ex-

pressão poetica na tragedia—"esse interprete fiel da dor humana."

Verdade é que o espectáculo de vida é o espectáculo da miséria e da dor, e nada sustende esse long-gemito de que nos falta Quintet e que é nada mais, nada menos que a repercussão das queixas profundas da humanidade através da historia. Todavia o homem tem dentro de si mesmo os elementos de sua regeneração e ha um meio efficaz para elevar nos acima da dor: é a contemplação do ideal. D'ahi a magestade do artista que confunde nestas condições a sua existência com a existencia mesma da humanidade, embora, como pensa Sully-Prudhomme, tenha sempre no grande mestre que traz dentro de si o que não pode igualar, uma causa constante de melancolia incuravel. Resta, porem, o consolo de que pode-se assim obter uma compensação efficaz contra as misérias do mundo, e então não se pode deixar de adoptar esta idéa de Lange: "O olho do amor poetisa; o ardor do coração poetisa, e si se pudesse fazer desaparecer toda essa poesia, é permitido perguntar si a vida ainda encerraria alguma coisa que a tornasse digna de ser vivida."

R. FARIAS BRITTO.



AQUI

(SULLY-PRUDHOMME)

Aqui vivem os lyrios brevemente,
Calam-se as aves, q' a trinar adejam;
Eu sonho primaveras, que verdejam
Eternamente.

Aqui tocam-se as boccas levemente,
Nem mesmo deixam seu velludo os
labios;
Eu sonho heijos a deixar resabios
Eternamente.

Aqui choram os homens tristemente
Amizades e amores, que fugiram;
Eu sonho pares, que de amor deliram
Eternamente.

BRUNO JACY.



Pobre Moysés que o
não foste!

A janella estava aberta ao luar: porém, de uma grande amentocira, que subia quasi apegada aos altos muros da casa cahiam sombras negras fazendo labores immensos no panno do caiamento, e assim, era n'uma grande man-

cha, preta, como uma nuvem de chuva, que a janella emmol-durava-se, adquirindo as pareanças de um remendo quadrilongo, de um tampo de fogo, sobre um panno de trevas. Uma cabeceinha loira despontou do ambiente luminoso, e rapidamente fechou-se. Ficou tudo no escuro cá fóra, a não ser a face dos corpos onde batia o luar. O murraurejo das ondas resoava como a escoar pelo chão

O regato achatava-se morno e quasi invisivel sob rijos golpes de sombra. Um corpo alvo se encaminhava por elle acima, e ouvia-se o chape-chape dos pés.

A intervallos, o corpo resplendia de luar.

Ao depois, a janella abriu uma greta, como uma larga fita de fogo, e a fita fez-se mais larga, e em seguida a modos que rasgou-se e desapareceu. Ficou tudo no escuro outra vez, a não ser a face dos corpos onde batia o luar.

*
*
*

No dia seguinte, a noite estava zangada. A lua, que hontem era a princeza de péssinhos pequenos, hoje era a Maria Borradeira; tudo era cinza no seio do luar; nem as lindas sombras negras, e nem os coloramentos magicos porejando encantos de poesia e saudosa tristeza. O céu queria chover, o céu queria chorar, o céu não queria mais proteger a virgem que lhe confidenciára na janella aberta.

Virgem! ?

Pois quem é que não conhece na villa o velho Antoino Pharaó? E' aquelle que habita no sitio cheio de canaviaes. Elle é o senhor da mulher loira que appareceu na janella. E' um homem sem

macula. Jesus, então, porque é que a janella não se tornou a abrir? Pois aquillo não era a alegria dos raios da lua e a predilecção das sombras da amendoeira? A amendoeira? cortaram-n'a!

E quem era aquelle que subia o corrente fazendo chape-chape? Elle amava muito a mulher loira. Um dia ella disse-lhe:—Quando vires a luz na minha janella, sóbe a amendoeira, e apegate ao lençol que penderá da sacada.

E elle viera: mas, quando tornou a desaparecer no corrente, fazendo chape-chape, jurou a si que alli não voltava mais. « Tu me enganaste! dissera elle ao despedir-se d'ella. — Meu pae só planta em roçado uovo. A capoeira é para se dar aos cavallos.

« Não comprehendo— respondera-lhe a amante. — E logo desatou a chorar.

O homem tinha o coração de fogo, porém a decepção apagou. E ficou de gelo. Assim para nunca mais desapareceu no corrente fazendo chape-chape.

O velho Antonio Pharaó quasi endoideceu. A mulher loira botou-se a elle como uma fêra e disse-lhe:

— Desgraçado!

E calou-se. Não disse mais, porque estava toda cheia desde o cerebro até ao ventre. Cahi para traz, e pediu veneno, a elle—que pelo amor de Deus matasse-a! Mas, neste ponto, ajoelhou-se, poz as mãos, e pediu-lhe cheia de lagrimas que a deixasse viva, porque, santo Deus, no seu corpo de mulher palpitavam dous corações vivendo um da vida do outro.

Comtudo, era tremendo e feroz o olhar que ella flechava para o p e de seu filho. E

achava horrivel a idéa d'elle, a de ter aberto a janella para a entrevista de um inexperiente mancebo, com o fim de salvar a honra.

« E então? blasphemara o velho, chacoteando, a remexer n'um sacco de dinheiro—Por ventura José não é o pai de Jesus?...»

Hediondo!

* *

E os mezes corriam, bem como as aguas do riacho. Uma vez, vinha rompendo a aurora, e foi a primeira vez que a janella se abriu, desde que o mancebo veio e foi para nunca mais. Foi tambem a primeira vez que a mulher loira sorriu, desde aquella scena com o Antonio Pharaó. Agora ella podia morrer, porque os dous corações que palpitavam no mesino corpo se tinham separado: O seu filhinho nascera! E foi por isso que o sorriso da mocidade reabriu-lhe os labios seccos de martyr.

Mas era preciso salvar se a honra de Antonio Pharaó. A mulher loira desmaiara n'um frouxo de sangue. Nesse interim, desapareceu o seu filho. Ella accorda, ergue-se pallida, grita por elle, e, acima de suas forças, corre á janella d'onde sentia-se cheio o resicher da aurora, se debruça, estira o pesçoço, afflicto...

Nas praias do riacho cavava um homem, com a ponta de um facão, uma covinha onde se poderia sepultar um botão de rosa.

* *

Com as suas praias lavadas, o riacho parecia um poço comprido e interminavel, manso, com uma correnteza que lhe esflorava apenas, e umas tremulações de quando um liquido quer abrir a fervura; de

modo que as ondulações eram antes effeito de um ventosinho que ameaçava engrossar. As aguas, em si, apparentavam uma quietitude, uma pachorra admiraveis.

O lugar, onde o homem cavara a covinha, era sob o docel de um bananedo. O sol, no limbo de uma larga folha de tinhorão, avivava transparencias, desenhava-lhe veias como em fina cutis de moça, e projectava sombrasinhas, que o vento movia tremendo, para o pequeno como ro que entupira a covinha onde sepultar-se-ia um botão de rosa.

Por cima do bosque o dia empoeirava deslumbramentos sem par. As flores se destacavam nas polpas enormes da folhagem, e pareciam rir de innocencia.

Mais tarde cahiu a chuva e o riacho encheu, subiu, trepou, até as moitas do bananedo. Agora, moirejava nas areias do leito a acção de uma volumosa corrente, improvisando comoros e os desfazendo.

Nos tapumes, ao passar entre as estacas, a agua se abria como dedos, a espumar e a marulhar. Escavava canaes, espraiava, e revolviam-se no polme do enchurro. A superficie liquida não era mais uma casquinha de espelho que em seu seio recebia um paraizo ideal pintado para debaixo do chão a golpes de sol e de claridade.

O turbilhão montava. E parecia um rio de lama, chicoteado pelos cordõesinhos da chuva. Cahia sobre a natureza uma zoadá infernal.

* *

O sol, pé ante pé, resgando uma brechinha entre as altas nuvens de repouzo, fura-

va pelo docel do bananado e descia até ao logar do comoro que encobria a covinha onde poder-se-ia sepultar um botão de rosa. « Nada. Aqui não está coisa alguma. » O sol fallava consigo mesmo, gesticulando como um espião, na pontinha dos pés, com um olhar tão vivo que abria transparencias no limbo das grandes folhas. Foi adiante.

O riacho tomara juízo, recolhendo-se ao seu leito modesto e voltando á pacatez de bom collega. Recebeu o sol com todas as cortezias. Accendeu robrilhamentos á tonna. encheu-se de imagens que pareciam um paraíso debaixo do chão, mostrou que tamanhamente amava aos seus amigos a pontos de conservar dentro de si o retrato vivo do bananado, e dos tinhorões verdes e purpuros, e das touceiras de borboletas, de tudo e de todos, até do proprio céu que bem alto mora

Porém ambos se retrahiram quando avistaram, passando o caule de coqueiro cahido que servia de ponte, a mulher loira que habitou a janella do castanheiro cortado. A imagem cahia de aguas ao fundo com a cabeça para baixo. Aqui o sol accendeu-se mais, afim de que o riacho gosasse da apparição, e pintasse grandes segredos e fartasse o peito n'ella toda. Ella passou e foi direitinha ao logar onde vira o homem cavando com um facão uma covinha onde poder-se-ia sepultar um botão de rosa. E deu um grito, e bugalhou os olhos, e cahiu de joelhos, mãos postas para o céu:

Ab! Ella olha para cima, o seu olhar se parece commigo, os seus cabellos são meus irmãos. Implora para cima, e manda seu

eu — disse o sol, encandecendo raios de alegria

— O que ella quer sei eu, que vi tudo—respondeu o riacho.—E cochichou com o sol, que se estendia sobre elle n'um amplexo doirado

Vamos, protejamos a pobre mãe!

— Mas olha, não vês tu aquelle sujeito que atravessa a ponte e segue os mesmos passos da mulher loira?

— Que importa! Protejamos a pobre mãe! Ella é a judia captiva, tu és o Nilo, e eu sou o grande Deus dos opprimidos! Anda! Revolve-te!

Sobre a agua estendiam-se natas de claridade tremula ao fremôr da corrente. Folhas maduras do bananado e tudo o mais de ao redor, como que era chupado para o fundo, em perspectiva. E as aguas em commoção pareciam de bronze doirado, pareciam de seda furtiva entre verde e côr de fogo. E esse manto a modos que se ia rasgando. O zéphirosoprava embalamientos doces na folhagem. O sol tremia paternalmente. E n'um grande riso de luz e de marulhos, o riacho apresentou ao sol, de repente, no chamalote encantador das aguas, o corpo encantador de um cupidosinho de espumas.

A mulher soltou um grito alegremente desvairado e saltou para as aguas. Porém não ponde. O homem que armado de um facão abrira a covinha onde poder-se-ia sepultar como um botão de rosa o cupidosinho encantador de uma croança morta, estava ali, e agarrou-a.

Ella ficou esbugalhando um olhar de pedra para a tumidez das aguas. Elle tambem olhava assim

E a corrente lhes parecia membrana viva de um animal, a modos que o lombo chato de uma cobra que não acabava de passar, de uma cobra insinuante, fascinadora, que hipnotisa.

Assim, deslisava o riacho por entre a vegetação, como uma serpe. E ali, estava a mulher loira tolhida pelo homem do facão, semelhante a um jacaré sob as garras de uma onça.

E o cupidosinho foi, foi, foi, e sumiu-se nas aguas onde quando a gente andava fazia chape-chape.

OLIVEIRA PAIVA.

NOBRE

A' W. CAVALCANTE

En vi a pobresinha, a misera esfriada
Tiritando de frio, sentada na calçada
Da casa d'um senhor visconde milionario,
Que diziam ser mau, ruim, e usurario.
Havia festa alli. E a flor do grand-monde
Achava-se reunida em casa do visconde,
E os convivas banas, repletos de alegria,
Brindavam-lhea tilhinha, uma anjo
Que era o mimo o bijou, o tudo de seu pae
Neste momento ouviu-se um prolongado ai l..
De subito o visconde ergueu-se lustrioso,
Colerico, brutal, estúpido, orgulhoso,
E disse ao seu lacain: Olá, vae deitar fora
Esse importuno vil, que se atreveu agora
A nos interromper quando é melhor a festa.
Mas a querida filha osculando-lhe a testa
Murmurou-lhea ao ouvido: «Oh! pai,
Manda dar uma esmola, um pão, isto
E tu não és visconde?»

E logo incontinenti
O fidalgo acalmou. E a um gesto, de repente,

O laçaino descendo a larga escadaria.
Foi precipitado ver quem era q' gemia.
E viu a pobresinha, a misera esfai-
(mada,
Tiritando de frio, sentada na calçada.

II

Olá !... disse o laçaino: Essa criança
(é linda !
É linda de encantar, e como é nova
(ainda !
Pobre, infeliz, pedindo esmolas pe-
(la rua !...
É triste ser-se moça e ter sorte tão
(rua !...
E aproximou-se mais e mais da po-
(bresinha,
Entregando-lhe um pão, lhe segre-
(dou : «Loirinha
Como se tem um rosto assim tão fei-
(ticeiro
E anda-se a pedir esmola um dia
(inteiro,
Quando podes ganhar, querendo, num
(instante
Com que possas viver Basta ser mi-
(nha amante.
Folgada, honradamente, invejada e
(querida.
E, fallando o vilão, n'uma acção a-
(trevida
Quiz, torpe, machucar-lhe os seios
(virginaes.
Ella, porem, recuando um passo pa-
(ra traz,
Arremessou-lhe ao rosto o pão, de-
(pois s'erueu
E caminhou... mas aí ! Alem cahiu,
(morreu
Morreu de fome e frio a triste coita-
(dinha !...
Era nobre de mais ! Faminta a po-
(bresinha,
Preferiu succumbir de miseria e de
(fome
A nos torpes hordéis vir inscrever
(seu nome!...

JOSE' OLYMPIO.

Brincar com cinza.

O acaso collocou-os de novo
em face um do outro, depois
de cinco annos de separação.

Elles se tinham amado ar-
dentemente durante alguns
mezes e vivido isolados do
mundo, embebidos em sua felici-
dade ; mas um dia olharam-
se indifferentes e quebraram
aquellas doces relações.

Porque esse rompimento ?
Não eram felizes ? Não se ti-
nham jurado tantas vezes um

amor eterno ? Ha cousas que
não se explicam.

Elle foi viajar. Ella atirou-
se ao turbilhão do mundo á
vida de festas, sequiosa de lu-
xo, de adorações.

E nem ao menos uma recor-
dação, uma saudade !

Custaram a conhecer-se.
Ambos tinham mudado mui-
to durante a ausencia.

Elle não se cansava de con-
templal-a, admirado de vel-
tão formosa.

Ella atropellava-o com per-
guntas. Indagava os logares
por onde andára, o que tinha
visto de mais interessante,
quaes as impressões que senti-
ra na viagem.

Uma suave intimidade re-
nascia entre elles. Pareciam
irmãos que se interrogassem
depois de uma longa e penosa
ausencia.

Acceitas o meu braço ?

— E onde me levas ?

— Vamos almoçar.

Ella acompanhou-o sem con-
strangimento, risonha, quasi
feliz de o tornar a ver.

Achava-o tambem mais for-
moso. O vestuario elegante
dava-lhe um certo ar de no-
breza e distincção. Tinha ad-
quirido melhores maneiras,
sua conversação se tornara va-
riada e agradável ate mesmo
o olhar tornara uma nova ex-
pressão.

Falava-lhe dos logares que
tinha percorrido, das magni-
ficas paysagens que apreciára,
dos costumes estrangeiros que
notara com uma graça e vo-
lubilidade encantadoras.

Chegando ao hotel pediram
almoço.

Sentiam um bom humor ad-
miravel.

Nunca no tempo em que
viviam juntos haviam passado
tão deliciosa manhã.

Falaram do passado.

Recordaram a primeira vez
que se tinham visto

Nesse dia ella trajava um
vestido cor de rosa que lhe
empalledecia ligeiramente as
faces suavizando-lhe a belle-
za. Trazia um chapelinho de
plumas brancas e fulgava des-
cuidosa como uma criança
travessa, ao lado de uma ami-
ga da sua idade.

Relembrou as cousas mais
insignificantes, as puerilida-
des mais graciosas. A memo-
ria lhes reavivava scenas que
pareciam já esquecidas.

Achavam um certo encanto
em revolver as cinzas d'aquel-
le passado que para elles se
tinha esvaído como sonho.

Falaram de uma noite de
theatro, em que ella, despei-
tada e ciosa porque elle tinha
assestado o binoculo para uma
actriz, se retirara antes de ter-
minar a peça, e de uma ma-
nhã de estio, límpida e formo-
sa, com todos os perfumes das
flores, com todos os gorgeios
das aves, em que elles tinham
divagado atravez dos campos,
felizes e alegres como noivos
apaixonados.

Misturaram risos e prantos,
caricias e desdens, o que hou-
vera de bom e transparente na
sua união ao que ella tivera de
sombrio e máo.

Como as horas voavam ra-
pidas, levando as ultimas fra-
grancias dessas flores já mur-
chas que elles desfolhavam !

E' tão bom fallar-se do pas-
sado com alguém que nos com-
prehenda, e que como nós la-
mente esse tempo, sem duvida
o melhor da vida !

Já lhas era tão doce estar
juntos n'aquelle intimo con-
sêgò de outr'ora. larga
conversação que tido

sobre o passado prendera-os de tal sorte que lhes faltou coragem de separar-se.

Eles se tinham divertido a brincar com as cinzas da fogueira que julgavam extincta e insensivelmente haviam atestado um incendio.

O passado com todos os seus encantos attrahia-os de novo.

Agora elle fixava os olhos nos della com uma expressão repassada de um sentimento tão forte que a deixava atordada.

Apertando-se mutuamente, tremiam-lhe as mãos, e os labios mal poderam balbuciar uma confissão de amor!

D'ahi a 8 dias era-lhes impossível separar-se mais.

Pertenciam um ao outro por direitos mais justos, por títulos mais sagrados.

E nos momentos de colloquio intimo em que seus corações se expandiam ao calor do sentimento que os dominava, gostavam de dizer sorrindo-se: «Foi brincando com as cinzas do passado que chegamos a amar-nos devéras.»

F. CLOTILDE.

Mariposa

Incanta mariposa em torno a luz
Voeja pela chamma fascinada,
Até que emfim exanime, crestada
Caes em meio do fogo que a seduz.

A chamma q' dos olhos teus transtuz
Tem minh'alma em desejos torturada;
E si tento fugir mais abrazada
Me sinto neste amor q' cresce a flux.

Oh! feio os negros olhos seductores!
Não me queimes nos fervidos ardores
De uma louca paixão voraz e forte

Receio que minh'alma caia exhausta
Neste abysmo de luz como a pyrausta
(Que busca ta o prazer encontra a morte)

J. D.

OS QUINZE DIAS

O imperador não se deu bem em Aguas Claras e voltou á côrte, ao casarão de S. Christovam.

Novos telegrammas, extensos boletins, commentarios de todos os gostos e tamanhos.

Os telegrammas destoam uns dos outros e o, mesmo fio em duas vibrações, conta duas historias inteiramente diversas: que o augusto enfermo voltou aos imperiaes aposcutos da capital, porque melhorou; que o dito augusto recolheu-se á côrte, porque peiorou.

O arame dança conforme lhe tocam: si o recado é transmitido pelos officiaes de gabinete do Sr. Cotegipe o monarcha está em condições satisfactorias; si quem passa o recado são os correspondentes da imprensa diaria são inquietadoras as condições em que se acha o monarcha.

Os boletins é que são uniformemente, ainda que absurdamente, accordes.

Não ha que receiar, affirmam os Esculapios do paço. A molestia é uma febre palustre, de diagnostico e prognostico facil, commum e simples; mas os Hippocrates titulares vão pedindo conferencias medicas ás celebridades extra-palacianas, porque o diagnostico parece mangar com elles e o prognostico tem ares de mudar de direcção.

Não é nada aquillo, simples macacão; porem resiste á influencia benéfica dos ares puros de Aguas-Claras e o Imperador muda-se para os ares de S. Christovam, onde nem são claras as aguas nem puros os ares que tem de arejar o imperial pulmão.

D'ahi os commentarios.

Que o imperador está mal;

que não resiste á enfermidade; que a febre é symptomatica; que a molestia é no figado; que o engorgitamento deste é tambem symptomatico; que S. Magestade tem é diabetes no ultimo periodo; que os rins da coroa fabricam mais assucar do que um engenho central, que.. que sei eu? é tanta coisa e coisa tão contrada o que se diz da enfermidade do poder moderador!...

Não sei si os leitores fazem questão do meu auctorizado parecer e por isso não o deixo aqui para figurar junto ao laudo do emerito professor Torres Homem.

É satisfactorio o estado do Imperador, dizem as noticias officiaes. Pois contentemo-nos com isso, que, em synthese, é a verdade. Si corre risco de morrer, é satisfactoria a espectativa para muita gente, quando mais não seja, pelo espirito de novidade; si triumphar da moléstia é satisfactoria ainda e para mais gente, que prefere isso a morte do velho e illustre principe, pae de familia exemplar e cidadão prestante.

O poder executivo não vae muito bem de sua tosse.

Tendo readquirido sua primitiva integridade, compareceu perante a rhetorica nacional e foi mal recebido, dizem os telegrammas, no ramo temporario; mandou pedir licença ao senado para fazer-lhe sua visita e o senado respondeu que a casa estava ás ordens, que por isso é que o dia amanhecera tão bonito, mas o poder executivo faltou, allegando enxaqueca, dores rheumaticas, unha encravada e outras mazellas, mas nem o senado, nem a imprensa, nem

o Zé-Povinho deu pelo diagnostico e pensa que a tripulação da nao do estado o que tem é espinhela cabida e deve tomar dissolução.... de camaras.

Tudo que não for isso é paliativo prejudicial á saude do governo.

A noticia produziu grande assanhamento nos arraiaes politicos.

É certo que os conservadores não ficaram muito tristes, mas os liberaes ficaram muito alegres. Aquelles chegaram a dizer malcriadamente, cerrando os dentes: Arre diabo!.. Estes estiveram a ponto de deitar luminaria e passeiata e discursos analogos. tamanha é a convicção que tem de que o sr. Cotegipe está resolvido a dar uma lição aos ambiciosos do seu partido, entregando o penacho, quando não poder mais trazel-o firme e teso, aos seus adversarios

Por ora está tudo reduzido á indiferença de uns e á esperança de outros.

E pode ficar nisso.

Voltou a fazer figura entre os acoutecimentos a fallada questão militar, que o governo diz que não é questão e muita gente pensa que não é militar.

Agora apparece embrulhada em um manifesto de dous agaloados porceres do militarismo, um senador e outro ex-presidente de provincia; um liberal e outro conservador.

O manifesto figura nas columnas d'O Paiz, mas provavelmente vao amanhã ou de-

pois ser redido a discurso no *Polythea na* e d'ahi levado em charolacás galerias da camara dos deputados, onde será recebido com uma salva de estoirantes bombas de eloquencia patriótica e opposicionista.

É não passará disso, o que é bem bom para nós, que de tal arte ficamos livres da sensação que acaba de experimentar

Lisboa, onde uma questão militar do ramo amphibio deu com o ministro da marinha em terra, depois de uma bofetada que lhe atirou certo deputado da opposição.

É má e reinadia a rhetorica metropolitana.

Argumenta-se, disente-se despejam-se aos ouvidos do governo carradas de tropos e de razões e si o governo não se dá por achado o que se lhe despeja ao pé do ouvido é um tapa-olho com todos os cinco dedos de nervosa e rechonchuda mão.

Safa!

O ministro desfeitoado deu immediatamente sua demissão (!) dizem os telegrammas.

Repararam que eu me admirei?

Pois si não repararam digolhes agora que me admirei muito de ter o ministro da marinha d'el-rei despido sua farda de galões e bordaduras só por ter apanhado uma afrontosa tapa, quando aqui nesta colonia, que lhe copiou tantos costumes, a tapa é motivo, quando muito, para fechar a tapa em torno dos que se esbofeteam,

Fecha-fecha e alguns commentarios pelas columnas pagas das folhas diarias.

Muito feliz me julgo de ter podido encher as tiras destinadas a esta secção d'A Quinzena, sem tocar, nem pela rama, no rebarbativo e martellado assumpto *infanticidio*, causa da minha particular implicancia e da ogerisa da policia que passa por ella como gato por brazas, no que faz muito bem, quando mais não seja, ao seu socego e ao engomado de seus colarinhos.

Igualmente perdoado fica o homicidio praticado no domingo ultimo, uma monstruosidade liquidada e julgada *prima facie*.

É tenno concluido a chronica dos quinze dias consignando somente factos politicos, porque não os ha litterarios e porque o meu adorado poeta do D. João o dr. Guerra Junqueiro deu á politica salvo conducto para misturar-se com as lettras.

Excellentes a idéa do poeta do Melro; excellente principalmente para nós os chronicistas de folhas litterarias cá destas regiões, que estariamos na tinta si fossemos esperar por acontecimentos litterarios que servissem para encher tiras destinadas a figurar nas chronicas confiadas ás nossas presumidas aptidões chroniqueiras.

Deus dê o céu a quem me deu assumpto.

J. L.

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

REDACÇÃO : JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N.º 40

FORTALEZA, 31 DE MAIO DE 1887.

SUMMARIO

Expediente ;
«A Quinzena» ;
A jangada.—PAULINO NOGUEIRA ;
Quinze dias—J. L.
A Canção de «Tragadalbas».—ANTONIO SALLES ;
Sehnsucht.—BRUNO JACY ;
O jornal.—J. DE SERPA ;
Odio.—OLIVEIRA PAIVA ;
O filhinho do Pery.—ANTONIO SALLES ;
Estatueta.—A. MARTINS ;
Victor Hugo.—F. CLOTILDE.

EXPEDIENTE

Assignaturas

CAPITAL	
Trimestre	28000
Semestre	48000
Anno	88000

INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre	58000
Anno	108000

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

A QUINZENA

Motivos superiores a nossa vontade obrigaram-nos a retardar de alguns dias a publicação do presente numero da nossa folha.

E' uma grande falta, bem o sabemos, maior, porem, é a benevolencia dos nossos assignntes, a cujo favor devemos ter attingido hoje esta publicação o seu 10º numero, contando em breve collocal-a em condições de estabilidade e desenvolvimento, pela conti-

nuação da confiança e da sympathia publica.

Procurando corresponder a benevolencia dos que nos ajudam nesta penosa tarefa, resolvemos, com algum sacrificio mais, melhorar o material de impressão e o proximo numero sahirá todo em typo mais accommodado a este genero de publicações, quanto á elegancia e que promete a inserção de maior quantidade de materia.

Esperamos assim que os nossos assignantes reconheçam o empenho que fazemos em ser-lhes agradavel e que seja compensado o nosso sacrificio, não nos faltando a coadjuvação, com que até hoje temos sido distinguido.

A JANGADA

Attribúe-se a existencia da jangada á mais remota antiguidade.

S. Rita Durão já a descobre vogando no deluvio universal:

Via-se em longa taboa mal segura Nadar sobr'agua a mãe desventurada;
E tendo ao collo appensa a criatura,
Ora é n'agua abatida, ora elevada ;
Quem desde o alto das casas se pendura,
Quem fabrica de lenhos a jangada ;
Qual da fome mortal horror concebe,
E crer que é menos mal, se a morte bebe

Caramurú, Cant. 3º, Est. 54.

José Bonifacio (o senador), em um lindo soneto, canta o jangadeiro da Gallilêa :

Talvez, talvez...o imperio brasileiro
Via a imagem do Christo...dor...saudade
Descer do sol ao mar no jangadeiro.

No *Magnum Lexicon Novissimum Latinum et Lusitanum* encontra-se *ratis* com a significação de—*jangada de pds que antigamente servia de barco.*

Moraes no seo *Dic. da Ling. Port.* dá a palavra por derivada de *jangá*—pequena embarcação da China, vindo a ser *jangada*—*jangá* maior ; com o que está de acordo Lacerda, *Novo Dic. da Ling. Port.*, dizendo que a palavra é derivada de *jangá* e da desinencia *ada.*

A propria mythologia não a esqueceo. No seo afamado *L'Assommoir* (O Matadouro), Vol. 1.º pag. 92, Emilio Zola, por occasião do casamento da lavadeira Gervasia, detem Madinier no Louvre, em Pariz, a explicar a Coupeau e aos demais convivas, extasiados, o famoso assumpto da *Jangada de Meduza*, cujo quadro tinham deante dos olhos.

Por outro lado, Antonio Knivet, na sua *Narração da Notavel Viagem no anno de 1591 da Inglaterra ao Mar do Sul*, *Rev. do Inst. Hist.*, 1878, pag. 227, a dá por «umas cannas atadas com juncos e flexiveis vergontees a modo de uma balsa.»

E Julio Verne, ora a descreve com «40 pés de comprimento e 25 de largura, mais ou menos, com plata-forma e altura de dous pés acima do nivel do mar, feita em um dia e por um só homem, com accommodações para dezenas de pessoas» (*O Chancellor, Dia-*

rio do Passageiro J. R. Kazalton, pag. 90 e seguintes); ora «feita de taboas embricadas e bem empregnadas de resina a ferver, com portas e janellas, salas de visita e de jantar, quartos, varandas, cosinha, sendo precisos dous annos para a sua construcção», (1 *Jangada, Parte 1.ª, pag. 95 e seguintes.*)

Mas eu me inclino a crêr que tanto a palavra, como o objecto, construcção e uso são peculiares ao indigena do norte do Brazil, desde Maranhão até Alagoas, unicas provincias, onde existem estes navios.

A palavra, ao meo ver, compõe-se de *nan, yan, jan* correr, de *ig* agua, e da desinencia verbal *dra* (corrompida por euphonia em *áda*,) que exprime o agente; vindo, portanto, *jan-ig-ára—jangada*, a significar litteralmente *aquillo que corre n'agua*.

E a admiração geral que causa este barco ao estrangeiro e a estranhos?

Nada do que vimos neste dia (no Recife), refere Henri Koster, excitou tanto a nossa admiração quanto as *jangadas* vogando em todas as direcções. O effeito que produzem estes barcos grosseiros é tanto mais singular quanto percebemos, mesmo á pequena distancia, somente a vela e os dous homens, que os dirigem. Elles singram mais á feição do vento do que qualquer outra embarcação.

Voyages Pittoresques, Scientifiques et Historiques en Amérique, (Brésil, Tom. 1.º, Cap 1.º, pag. 4

Tivemos esta manhã (17 de Abril de 1865), dizem Madame e M. Luiz Agassiz, mui grande distracção. Encontramos (Pernambuco) muitos destes barcos que se chamam *catinorons* (jangadas), frageis

embarcações de pescaria, dirigidas por pescadores, que parecem, nesta costa, verdadeiros amphibios. Seo batel consiste em alguns ligeiros troncos de arvores ligados uns aos outros, e sobre os quaes passa a vaga a cada instante sem que estes homens pareçam de qualquer forma inquietarse. Pescam, andam, assentam-se, levantam-se, bebem, comem dormem sobre estas 4 ou 5 travezinhas mal unidas, tão socegradamente e a seo gosto, na apparencia, como nós no meio do luxo do nosso poderoso navio Habitualmente entram no porto ao canir da tarde, mas vimos que, feitos ao largo pelo vento, se afastam até 200 milhas e mais. *Voyage au Brésil, pag. 32.*

Em parte alguma, diz Varnhagen, sinão na America, principalmente na famosa terra da S. Cruz, se encontram barcos com tal forma e apparencia. *Panorama, Tom. 12, pag. 376.*

A atrevida jangada de Pernambuco, acrescenta o mesmo autor, semelhante aos pangaios d'Africa oriental e da India, que ainda hoje accomette nossos mares, com pasmo do viajante europêo, que mal concebe como haja quem arrisque a vida sobre uns toros ligeirissimos mal unidos, que vão quasi debaixo d'agua, navegando dias e dias, longe da vista da terra. *Hist. Ger. do Braz., Tom. 1.º, pag. 171.*

Parece que foi para esse ousado marinheiro que o velho Horacio escreveu a sua *Ode 3.ª da Liv. 1.ª*:

Illi robur et æs triplex

Circa pectus erat, qui fragilem trunci commisit pelago ratem Primus (1)

(1) Traducção: «Tinha fortaleza e ambição de Unheiro no peito aquelle que primeiro committio ao mar revolto a fragil jangada.»

Na construcção de uma *jangada* não entra uma só peça de ferro! o que prova mais ainda ser ella invenção exclusiva do indigena, que não conhecia esse metal, mas que sem elle sabia dar á essa embarcação a solidez necessaria para navegar em alto mar, prendendo os páus, uns aos outros, com fortes cavilhas de madeira rija.

Compõe-se regularmente a *jangada* de seis páus de *piú-bá* (2); mas, quando o do meio é assás grosso, já tenho visto de cinco. Os dous do centro chamam-se—*meios*, os dous immediatos—*bordos*, e os dous ultimos—*memburas*.

Eis os seus accessorios de pôpa á prôa:

—*Banco de vela*—serve para sustentar o mastro grande e a vela.

—*Carlinga* taboleta com furos em baixo do banco de vela, em que prende-se o pé do mastro, mudando-se de um para outro, conforme a conveniencia da occasião.

Bolina taboleta que, entre os dous *meios* e junto ao *banco de vela* serve para cortar as aguas e evitar que a jangada descáia para sotavento.

A traducção de *ratem* por *jangada*, como vio-se, é do *Magnum Lexicon*; não é minha.

(2) Quer dizer—arvore do pelle; de *pi* pelle e *úba* arvore, tal e qual á da *jangada*. Varnhagen, *Panorama, Tom. 12, pag. 376*, diz que em nenhuma outra parte, sinão na terra da S. Cruz, cresce essa arvore extraordinaria. Mas Julio Verne, *Hist. das Grand. Viag. e dos Grand. Viag., pag. 171*, diz que no dia 29 de Julho de 1585 o explorador Davis verificou no sitio da bahia *Gilbert* a presença de uma enorme quantidade de madeira de *jangada*, entre as quaes cita uma arvore inteira, que não teria menos de 60 pés de comprimento. No Ceará ha de má qualidade na serra de *Baturité*. A *me-thor* das Alagoas, onde os nossos jangadeiros vão-se sortir todos os annos. Chama-se *jangadeira*, da familia *tiliaceas*, chamada tambem *embira branca* (*apeida cymbalanea*).

— *Vela* — uma grande e unica, de algodãozinho, de forma de um triangulo isosteles, cozida n'uma corda junto do mastro, o que se chama *palombar a vela*; assim como tambem se chama *limar a vela*, para ficar boa, enche-la de *limo verde*; o que se consegue botando-lhe sangue de peixe com agua salgada, e deixando-a exposta ao sereno. Uma vela *bem limada* dura por dous annos, mais ou menos.

— *Ligeira* — corda presa á ponta do mastro e nos *espeques* para segurar aquelle.

— *Retranca* — vara que abre a vela.

— *Escota* — corda amarrada na ponta da retranca e nos *caçadores*. Para encher-se a vela de vento, pucha-se a escota.

— *Caçadores* — dous tornos pequenos na proa.

— *Espeques* — dous tornos de palmo com uma travessa e no meio uma forquilha.

— Na *forquilha* cada pescador amarra uma corda e, quando é preciso, nella segura-se derreando o corpo para o mar, e assim *aguentando a quéda da jangada*.

— Nos *espeques e forquilha* colloca-se o *barril d'agua*, o *tauacú*, a *quimanga*, a *cuia de vela*, a *tapinambaba*, o *samburá* e a *bicheira*.

— *Tauacú* (corruptella de *itá* pedra e *acú* grande) — pedra grande furada, presa n'uma corda, que serve de ancora.

— *Quimanga* — cabaco que guarda a comida.

— *Cuia de vela* — concha de páu com que se molha a vela quando venta; donde o ditado popular: — *Em quanto venta agua na vela*.

— *Tapinambaba* (já vulgarmente *pinambaba*) — maçame de linha com anzões.

— *Samburá* — cesto da boc-

ca apertada, em que se guarda o peixe.

— *Bicheira* — grande anzol preso n'um cacête, com que se pucha o peixe pescado para cima da jangada, afim de não quebrar a linha.

— *Banco de governo* á pôpa, no qual se assenta o mestre.

— *Macho e femea* — dous calços á pôpa, onde mette-se o remo, servindo este de leme. (3)

— *Araçanga* cacête com que se mata o peixe pescado.

— *Ipú* — arame com que é presa a linha ao anzol para o peixe não cortal-a.

— *Atapú* (corruptella de *itá* pedra e *pú* grito, — grito de pedra) — buzio grande com que o jangadeiro chama os freguezes á compra do peixe. Ainda na acta da sessão da Camara Municipal da Fortaleza de 18 de Maio de 1842 encontrei um officio do fiscal, «fazendo ver que as patrulhas da policia se intromettiam na venda do peixe e não consentiam que se tocasse o buzio quando chegava o peixe á feira; pelo que resolveo a Camara pedir providencias ao presidente da Provincia.»

As jangadas maiores tem de 6 a 7 metros de comprimento, e duram dous annos, pouco mais ou menos.

Ha entre o povo versões interessantes sobre este barco singular.

— Antigamente, quando o jangadeiro pescava algum *beijupirá* (cação de escama), içava uma bandeirinha no topo do mastro e, ao aportar á praia, pagava *patente* aos companheiros, por ter pescado o melhor peixe, na opinião dos homens do mar.

— Ainda hoje o jangadeiro tem tanta *sisma* com o ferro

que, se por ventura apparece algum *prego* na sua jangada, trata logo de desfazer-se della, do contrario ella fica *caipora*, não pesca mais.

— A isca por excellencia é a da cavalla; e, si por acaso cae alguma «garajuba» ou «charéo», o jangadeiro mata-o com todo cuidado, de modo que não cáia no mar uma só gota de sangue; porque, do contrario, fogem os peixes e não pégam mais no anzol.

Mas a nossa jangada não é somente barco de pescaria, mas tambem de embarque e desembarque de mercadorias e pessoas.

Neste tanto o jangadeiro cearense prestou os mais relevantes serviços á libertação dos escravos na Capital, não prestando-se a embarcal-os para parte alguma.

No dia 14 do Março de 1884 trez delles, Francisco José do Nascimento (hoje alferes da guarda nacional), Francisco José de Alcantara e José Felix Pereira Barbosa, embarcaram no paquete «Espirito Santo» para a Côte, conduzindo a «Jangada Libertadora», que foi recolhida, como reliquia patriotica, ao Muzeo Nacional.

Na ordem ascendente, ha a «balsa» que é a reunião de algumas jangadas, convenientemente presas, com destino á longas viagens, de provincia á provincia.

Na ordem descendente, ha o «paquete», que é a jangada menor; «coringa» menor do que o paquete, e «bote» o menor de todos, unico que não tem vela, e que por isto mesmo escapou á maldição de Camões:

Oh maldito o primeiro, q' no mundo
Nas ondas vela poz em secco lenho!
Digno da eterna pena do Profundo,
Si é justa a justa lei que sigo e tenho.
Nunca juiso algum alto e profundo,
Nem cithara sonora, ou vivo engenho,

(3) Vide Juvenal Galeno, *Canções Populares*, Notas, pag. 271.

Te dê por isso fama nem memoria ;
Mas contigo se acabe nome e gloria.

Lusiadas, Cant. 4, Est. 102.

PAULINO NOGUEIRA.

OS QUINZE DIAS

A melhor parte do periodo a chronicar foi occupado pela questão militar, a falladissima questão que já engoliu um ministro e esteve para engolir um ministerio. Este, porém, abriu muito os braços e escapou.

A principio o Sr. Cotegipe tratou de resto o caso e galhofou ; porque S. Ex. entende, de longa data, que é a galhofa o meio mais commodo de levar a náó do estado no mar banzeiro da nossa politica superlativamente original.

Desfralda a-se as velas e os timoneiros cantam balados alegres á musica das brisas amigas.

Desta vez, porém, o mar banzava traçoicamente e escondia tempestades no seio amplo dos vagalhões.

O homem do leme sentiu que o barco desgovernava. O patrão quiz resistir ; mas o máo tempo carregou a feição e foi preciso arribar ao porto da Capitulação, com os viveres deteriorados, a marinagem insubordinada e o vaso com avaria grossa.

Foi uma victoria para o exercito, uma derrota para o governo, diz-se.

Entretanto o exercito está hoje como hontem; como hontem permanece o governo : absurdo, impopular mas forte, poderoso, omnipotente.

Derrotado, mas mesmo

muito derrotado, está S. M. o Imperador.

Quando o Sr Penido disse na camara, alludindo ao monarcha, que neste paiz, aos 60 annos a gente ficava intellectualmente imprestavel, por ter o miólo molle riram da pilheria glosaram-na muito, mas não procuraram verificar si tinha ou não razão o esculapio deputado e negreiro.

Pois agora o engorgitamento do imperial figadc veio descobrir, dizem as más linguas, formidavellesão no cerebro do monarcha.

Pelo menos é o que leio no *Libertador* de hontem, transcripto de visuda correspondencia.

Um imperador sadio e riço com ministros tibios e alguns de pouco juizo era o que tinhamos até aqui; vamos agora experimentar o reverso.

Será melhor ? Será peor?

Quem não tiver mais o que fazer que se anime a arranjar processos logicos para resolver a questão

O naufragio do Ceará tam bem foi caso dos 15 dias.

Depois daquella medonha catastrophe de Ponta de Pedra era indispensavel a do Paracurú, afim de convencer a população de que os naufragios nem sempre são cousa seria.

E desvaneceram-se muito, com effeito as tristissimas impressões, do *Bahia*.

E' que o *Ceará* naufragou com a maior felicidade, por uma esplendida manhã, nas brancas areias cearenses, sem assombro, sem terrores, sem prejuizo dos passageiros, sem miserias e por conseguinte sem necessidade de subscrição para soccorrer as victi-

mas, umas victimas alegres, aristocratas com quem tivemos o prazer de conviver por alguns dias e que brincaram, folgaram, a valer.

E o ultimo acto deste *incruento* drama maritimo consistiu na despedida dos amaveis e felizes naufragos que lá se foram no *Pará* para o sul deixando-nos... saudades.

Nem por não ser de lagrimas o naufragio do *Ceará* passamos sem uma nota lugubre as duas semanas decorridas.

Chora amargamente o nosso bom e dilecto confrade Antonio Martins a morte prematura e cruel de seu adorado primogenito, o moreno Pedrinho, em quem elle punha a melhor parte de suas mais fagueiras esperanças.

Deixemos a missão de levar-lhe o nosso pesame a Antonio Salles, poeta como elle e amigo do pequenino morto... morto a brincar, como morrem as borboletas.

J. L.

A canção de «Tragadalbas»

(AUG. VACQUERIE)

Um pescador dos mares inclementes
Me perguntou da profundeza cérula :
—Bella Maria, queres esta perola ?
E eu disse: São mais lindos os meus dentes

Brilhavam soes nas nocturninas telas,
Como pharoes illuminando abrolhos:
—Escolhe, disse o rei, duas estrellas !
E eu disse — São mais lindos os meus olhos.

Então me disse Deus:—O Paraiso
Eu te darei, esplendido de flores.
E eu respondi:—Senhor, eu não preciso,
Pois tenho o puro céo dos meus a nores.

E Satanaz me disse:—Não são bellos
Esses mimos de Deus, pobres, banaes :
Dou-te o inferno ! E eu disse a Satanaz:
—O inferno tenho eu, pois tenho zelos !

ANTONIO SALLES.

SEHNSUCHT

A noite é calma e doce ; o bosque denso, umbroso,
Murmura brandamente à fresca viração ;
O manto do luar se estende languoroso ;
Brilham furtivamente os astros na amplidão.

A aragem traz perfume, o bosque tem mysterios ;
Tudo é sereno e doce—a terra, o céu e nós.
Eu imagino então nos páramos ethereos
Teu vulto divisar, ouvir-te a meiga voz

Mas breve se esvaece a pallida miragem,
E extinguem-se, bem cedo, os devaneios meus
N'um suspiro, que vai apoz a tua imagem,
Qual candida oração voando aos pés de Deus.

BRUNO JACY.



O JORNAL

(A PROPOSITO DO 6.º ANNIVERSARIO DO LIBERTADOR)

Li o *Fausto* e deitei-me. Um sonho bello-horrivel
Fez-me ver tudo em roda ardendo como um forno !
A terra olhava o Céu ; e o Céu, mudo, impassivel,
Tinha a Morte no seio e via a morte em torno !

Rugia a Tempestade orchestrações medonhas
E enchiam todo o espaço as lavas do Sinai...
O Mar mandava ao Azul deprecações tristonhas
E aos Ventos, a bramir, dizia o Céu : «parai !»

Assombroso painel ! Dir-se-ia a luta iminensa
De Roma e Ravanah, ou Jehovah e Satan !
Abysmos sobre o abysmo ! Em vão a devia crença
Buscava ver no espaço a estrella da manhã !

Era o Cosmo em ruina ! Açoitos implacaveis
Flagellavam de morte a Terra, o Mar e os Céos !
Voltava a Humanidade às Eras insondaveis !
Vestia-se de assombro o Espirito de Deus !

Mas subito apparece, auri-fulgente e bella,
A Aurora a desdobrar-se, esplendida de luz !
Resôam inda ao longe os uivos da Procella,
Mas REINA PLENA PAZ entre Ahriman e Ormuzd !

Faz-se então inventario à velha Humanidade.
Tudo é morte e horror ! Só vive o immortal !
Apenas Gutemberg, em honra à Liberdade,
Salvou do Cataclismo a *arca* do—JORNAL...

1.º—Janeiro—1887.

J. DE SERPA.



O ODIO

Junto á amurada engoiava-se
se uma gaiola de paos, onde,
como um pendulo. sombras de
velas e cordagens iam e vi-
nham vagorosamente ao bel
prazer da fluctuação.

Rondava dentro da jaula um
gato maior que um cachorro
grande.

Perto, quando clareava, re-
luzia o olhar de um negro, acco-
orado no sopé do mastro, com
as mãos cruzadas abarcando os
joelhos.

Via-se bem o animal preso,
movendo-se com pés de seda e
garbo de mulher.

Passeiava desdenhosamente.
Amarello fulvo, lindamente
mouriscado com patacos pre-
tos, como não ha velludo.
Quando alguém aproximava-
se, a fera largava uma ronca-
ria por entre as presas, e dava
botes nos paos, explosindo bu-
fidos espantosos.

O commandante muitas ve-
zes, desanuviava a sua cerveja
fazendo-se espectador da eter-
na aversão e tolhido orgulho
do bicho feroz, de cujo capti-
veiro abusavam; fasiam-lhe tre-
geitos, cotucavam com um
bastão, davam-lhe um pao a
morder, de modos que o ani-
mal parecia chorar de raiva.

O piloto, muito chalação,
desandava-lhe descompostu-
ras :

—Anda lá marafona ! Pen-
savas qu'isto qu'era a furna ?
Olhe que ella pega-o, com-
mandante !

E d'ahi, amabilisava com
uns nomes feios,—filha d'esta,
filha d'aquella, como si fosse
entre duas pessoas :

—Eu não lhe tenho medo,
porque lá arrebentar esse ni-
cho é o que ella não pilha.

—

N'essa noite, o negro notou

um lume que bciava no escuro do oceano, como um pyrilampo; e o seu pensamento, que por uma certa sympathia de genios e de condição costumava ater-se á onça presa, apegava-se agora a esse nonada phosphorescente.

Muito depois, o foguinho crescia, e o negro foi obrigado a sahir de ao pé do mastro por via das manobras de bordo. O diabo do lume tinha coisa: O navio evitava-o como si estivesse cheio de polvora e essa tocha distante fosse uma faisca a perseguil-o perversamente.

O negro, sentindo que havia um perigo qualquer, voltou de novo o pensamento para o tigre.

Antegustava uma satisfação feroz, prevendo um bello horror de destruições. Apertavam as vozes de commando, e o mestre enfurecia, — quizera ter os punhos do mundo inteiro para torcer o rumo ao vento! Era uma vela metter-se onde elles queriam, e bambeava com os paroxismos de um sossobrante. Havia um demono no espaço negro, a embirrar com o barco.

O commandante e officiaes ainda estavam bebidos da orgia que tiveram ao sahir do porto.

O escravo, supersticioso, jurava entre si que o lume que se aproximava era o espirito maligno, em feitio de macaco, ás cabriolas de onda em onda, com uma brasa na bocca. Elle via até uns ziguezagues na trajectoria do pharol movediço.

Assombrado pela incerteza do perigo, elle desce, e voltou com um machado. No pescosso conservava o seu amuleto. Estava armado para o desconhecido. Fazia muito frio. Começou a espalhar-se um medo, insinuativo no meio da treva, e mais tarde o pavor.

De repente a luzinha estava mesmo em cima d'elles, emmanhada no porte alevantado de um paquete a vapor

Um estremeção prolongado, como um desahamento, sahio do navio todo, que rangiu nas infimas veiaduras do cavername. O pessoal ficou um instante bestializado. E depois, como um bando turvo de vampiros no seu voar frouxo e mortuario, sahia de todos os poros a ideia de morte. O vapor, cujo era o pharol fatidico, havia mettido a pique o barco, e talvez tivesse tambem sossobrado, matando-se ambos sem reconhecer-se, arrastados pelo demonio das colliões maritimas, um d'aquelles que ao cahir do céu ficaram nos ares prestando ao genero humano o relevante serviço de fazer-lhe mal.

O negro levou as mãos á cabeça. Sob a noite estrellada, elle via os borbolhões do horrendo por toda parte. Escaleres ao mar, salvavidas, aconchego e desespero dos que se amam, considerções para com os delicados, heroismo dos fortes, n'um rapido.

D'elle se não lembravam. A noite de sua pelle casava com a do espaço entremeiadas pela de sua vida. Sua alma hostile armara-o de machado, porque elle desde menino ouvia fallar em lutas de corso e de piratas. Isto im, lhe seria um triumpho. Emtanto, restava-lhe boiar, e ainda si fosse possivel. Não podia prestar serviços, porque ninguem se entendia, assim nas goelas da morte.

E achava-se de braços cruzados, sobre o abysmo, elle, o forte, o valentão, o calmo, o heroe, o hercules. No veo das sombras viu bruxclear os olhos do tigre. Ah! e a fera não teria direito ao salvamento? A desordem a bordo era in-

superavel Um salve-se-quem-poder! E o possante brut humano ergueu o machado e descarregou um golpe sobre a jaula. Ebrio de sua magistade, arriou novo golpe, e repetiu. A fera recuara para o fundo, e quando viu o rombo que a desagrilhoava atirou-se... avida por beber sangue e doida de fome. Rolavam no convez, a onça atracada com o escravo.

O navio empinava para a profundez. Na voragem, a fera remontou á gaiola, que fluctuava nas aguas, enquanto o cadaver do escravo descia no abysmo, talvez com a intima satisfação de ter libertado uma fera, entre elles perdurando uma certa sympathia de genios e de condição.

Era elle quem tratava do tigre. Amava-lhe o rancor eterno. Achava-o formoso, tão dourado, tão liso, tão forte! Comprazia-se em matar-lhe a sede e a fome. Amava-o porque o bicho indicava ser inaccessible ao amor. E foi um grande prazer, desapparecer da vida deixando em seu lugar um bruto que era uma concretisação do odio, humor necessario á vida social, como o fel á vida individual.

OLIVEIRA PAIVA.



O FILHINO DO PERY

O Pedrinho, eu conheci-o!
Era moreno e sadio,
Esbelto qual beija-flor.
Havia nessa criança
Tanta luz, tanta esperança...
—Era um pequeno condôr!

No seu olhar negro e vivo
Cantava um raio festivo,
—Um raio alegre de sol;
E a voz era tão suave

Como o trinado de uma ave,
—Trinado de um rouxinol.

Qual n'uma rosa-menina
Perpassa a asa traquina
De uma borboleta azul;
Um sorriso petulante
Pervaguejava incessante
N'essa boquinha taful.

Em tardes serenas, placidas,
Sentados em *chaises* flácidas
Os amantísimos pães,
Contemplavam nudos, ledos.
Os saltitantes brinquedos
Dos cupidinhos joviaes:

Qual d'elles, mais q' o Pedrinho
N'esse infantil borborinho
Gritava e sorria mais?
Quem, a correr na calçada,
N'essa gentil revoada
Poude alcançal-o jamais?

Quando montava faceiro
No seu felpudo carneiro
Pinturilado de anil,
Com aquelle *aplomb* engraçado
De um general consumado,
Meu Deus, como era gentil!

Equando alguém vem dizer-me
Que a morte--o perfido verme,
D'esse mimoso botão
Cortara o caule viçoso
E qu'esse botão mimoso
Repousa, morto, no chão;

Eu sinto uma dor profunda
Tão pungitiva, tão funda,
Qual nunca, nunca senti,
E vejo o pranto pungente
Que desce saudosamente
D'esses teus olhos, Pery!

ANTONIO SALLES.



ESTATUETAS

I

Limpido o ceo do seu olhar profundo,
Amplio, basto,— uma noite, os seus cabellos,
—Hermengarda surgindo entre castellos
O sonho, o idéal do ethereo mundo

Rútila Aspasia, enleia-nos ascética
E deixa-nos á ler a Arte-Poética.

Na meiguico dos olhos, de uma
expressão vivace e terna ao mesmo
tempo, tem elle o poder magnetico
com que se impõe á primeira im-
pressão. Modesto e correcto no ty-
po, modesto e correcto no traje.
Sob os supercilios, levemente severos,
esconde-se-lhe a preocupação
de um ideal...

Tem as abstracções somnambulas
dos poetas. As feições, a barba e
o perill do rosto dão-lhe uma seme-
lhança vaga do Nazareno. Estatura
regular, linhas completas no con-
junto geral. Atravez do vidro do
nosso monoculo, e do da redoma que
cobre esta estatueta, parece-nos que
esta construcção, psychologicamen-
te fallando, é feita de fino marmor
de Carràra, e, para nós,—peça de
valor instimavel.

Animando-a, temos mais ou menos
uns tons biographicos n'um *simile*
de pura phantasia nossa. Raciocine-
mos ou antes idealisemos:

E' moço e medita. Seria um pen-
sador profundo, si a natureza, além
das circumstancias do *meio*, não
lhe enchesse o peito dessa caçoila
da qual deixa às vezes escapar uns
tigres de oiro ou uns suspiros ele-
ctricos feitos de sensações de puro
lyrismo. Aos vinte annos cantou as
rubras manhãs do norte nos «cantos
do amanhecer». Internou-se nas flo-
restas virgens e guiado pelo seu
ideal foi ouvir, ás escondidas, os
canticos de guerra dos gentios.

Depois, a sina carregou com elle,
becharelou-o com um *canudo* de
cinco annos iguaes ou mais exten-
sos que os do doce captivoiro de
Jacob; internou-o pelos soturnos re-
tiros das aldeias onde elle, a malu-
car com os livros, aprendeu mais
coisas mundanas que apostilas de
jurisprudencia.

Planeou uma inconfidencia contra
a sua propria sina, mas esta, cacete
como a mais estremecida sogra, ca-
pturou-o á beira do Mocuripe da
suspirosa Iracema e entregou-o ás
Justiças.

Um caipora, somente, nessa sub-
levação.

Não mais—poeta perfeito, lyrico no
verso, adoravel na prosa.

Fez o *Nazareno*, que é a expressão
mais lyrica da Biblia, em prosa, e fez
do *Tigre*, o animal mais carnicheiro
da zoologia, um soneto:

«O TIGRE

(A' J. BANDEIRA).

Por toda parte a luz. A aboboda celeste,
Como um lothus azul, se volta para chão.
A tunica do sol, que a natureza veste,
Derrama na floresta um rubido clarão

E junto ao Ganges san o, a sombra do
(nopal),

Não longe des juncaes, que o rio beija e
(inflora.
Erguendo o escuro dorso em curva sensual,
Tranquillo o tigre bebe emanacões da
(aurora.

Nervoso, estende a mão; a cauda ritornella,
Rôla feliz ao chão... Mas pula esfomeado
Ao ver entre os sarçaes a tímida gazella.

Assim o coração: Um tigre mosqueado,
Que vive em nosso peito e doudo se rebella,
Sentindo approximar-se o seu amor so-
(nhado,

V. B.»

A. MARTINS.



VICTOR HUGO

Deante do vulto eminente
desse grande homem, cujo no-
me glorioso occupa hoje uma
das paginas mais brilhantes
da historia, deve prosternar-se
na homenagem de um culto,
não só a sua patria como o
mundo inteiro.

Victor Hugo--o genio que
assombrou o seculo, a aguia
altaneira cujos vôos se eleva-
ram aos paramos da immorta-
lidade, o grande poeta, o ini-
mitavel escriptor, o gigante
da litteratura, tem direito á
mais perfeita e esplendida apo-
theose.

Neste momento vou reco-
lher algumas das notas que
hão de sempre resoar repassa-
das de saudade e admiração
pelos ambitos da França, para
com ellas formar, senão um
panegyrico, pelo menos um
concerto de desentoados lou-
vores ao adoravel *velhinho* que
tanto elevou a mulher, idealis-
sando as mais bellas creações
femininas, e illuminando-as
com as irradiações de seu pro-
digioso cerebro que se banha-

va n'um oceano de luz e inspiração.

Victor Hugo tem direito a todos os laureis que merecem o talento e a verdadeira erudição. Ante elle devem curvar-se todas as intelligencias, dobrarem-se todas as frentes.

Foi maior do que um monarcha porque teve a unica realisa que domina e subjuga os espiritos.

Na sua frente brilhava a corôa immarcessivel dos predestinados da gloria e da immortalidade.

Sobre o seu tumulo cahiram as lagrimas de todos que lhe conheciam a grandesa do genio e a bellesa do coração, transformadas em um chuveiro de perolas para mais aformosearem-lhe o diadema immortal.

Ninguem viu no asylo mortuario onde elle repousava a escuridão pavorosa do sepulchro. Havia antes o reverbero de uma luz celeste que se não podéra de todo apagar, e sentia-se-lhe o espirito esvoaçar sobre os restos mortaes da materia.

A morte não fez senão abrir-lhe a senda luminosa que para os grandes homens vae do sarcophago ao Pantheon, e o seu immenso esplendor illuminará não só a França, como o mundo inteiro.

O peso dos annos, o frio do inverno da vida que lhe roubára o viço e a força da mocidade, adormecendo-lhe as paixões e esfriando-lhe os ardores juvenis não poderam diminuir um só gráo a intensidade de seu pujante talento.

Os frios de cabellos encanecidos pela idade accenderam-se muitas vezes nas labaredas da inspiração, e do mesmo modo que o moço bebera os segredos da poesia na taça do

entusiasmo da juventude, poude o velho enlevado nos cabellos de ouro da neta idolatrada e no amor da sciencia que tanto engrandecêra e honrara, phantasiar o que de mais idealmente bello póde haver na mente humana, realisando esplendidas concepções, que semelhantes aos raios do sol prestes a occultar-se no poente aqueceram ainda as ultimas flores que nasceram para se desfolharem sobre o seu tumulo.

A poesia, o romance e o theatro enriqueceram-se com as joias do cofro precioso de sua intelligencia.

Seus trabalhos litterarios são perfeitas maravilhas, e ninguempoderá contestar-lhes o subido valor nem empanar-lhes o fulgurante brilho.

E impossivel fazer-se uma analyse completa dessas preciosidades litterarias.

Seria o mesmo que tentar contar todas as estrellas ou apanhar todas as perolas do mar.

Basta uina de suas obras—os Miseraveis—para ostentar a omnipotencia de seu genio.

Ao lê-la, a mente devassa mundos desconhecidos, o coração palpita, a alma sonha e os versos estremecem sob as mais doces e agradaveis sensações.

Por vezes a phrase é vibrante, vigorosa e produz o effeito de um choque electrico, as vezes é meiga, suave, deliciosa com o resaiço de beijo materno: ora sóbe em espiraes de poesia aos prazeres do céu, ora desce no redemoinho das paixões até os horrores do inferno.

A mulher occupa sempre um logar proeminente em todas suas obras, e quer se mostre pura ou criminosa deixa

os rastos luminosos de uma alma susceptivel de aperfeiçoar-se e engrandecer se pelo amor.

Em --Notre Dame de Paris—palpita uma de suas melhores creações femininas—a Esmeralda.

Em «Han d'Island» desenrolam-se os horrores do crime, nascido da sêde de vingança paterna. E' um homem que se transforma em féra para no delirio de uma febre infernal beber no craneo do filho assassinado o sangue de uma raça inteira.

Emfim, em todas as obras de Victor Hugo vêem-se os lampejos de um genio que deslumbra. E' um gigante que domina com a força colossal da intelligencia, com o poder irresistivel da inspiração.

A França deve vangloriar-se de ter sido a patria de tão grande homem.

O enorme prestigio de seu talento eleva-a e engrandece-a, e nunca filho mais illustre nem talento mais notavel deu-lhe tanta gloria e derramou tanta luz sobre o seu nome.

Victor Hugo ha de fulgurar sempre como estrella de primeira grandesa no céu das lettras, ou antes como o sol que brilha com luz propria aclarando os antros mais obscuros da terra.

O mundo ouvirá extasiado a epopéa que tradusem as obras desse grande homem que imprimiu nas mais arrebatadoras creações um beijo de poeta e artista, enchendo de harmonia e gloria o seculo XIX.

F. CLOTILDE.

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

REDACÇÃO : JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N.º 11

FORTALEZA, 15 DE JUNHO DE 1887.

SUMMARIO

Expediente ;
Pestalozzi.—J. DE BARCELLOS ;
A setta e a canção.—BRUNO JACY ;
A jangada.—DR. GUILHERVE STIDART ;
Medo de alma.—J. GALENO ;
Estatuetas.—A. MARTINS ;
Quinze dias.—I. L. ;
O vigario.—J. MARTINS ;
Letras e Artes ;
Contraste.—RODOLPHO THEOPHILO ;
O Caipóra.—PAULINO NOGUEIRA ;
avisos ;
Annuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

CAPITAL

Trimestre	28000
Semestre	48000
Anno	88000

INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre	58000
Anno	108000

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

PESTALOZZI

I

No leito da morte,—em carinho para a paz eterna—soluçando o ultimo adeus, dizia Pestalozzi :

«Enterrem-me sob o beiral do telhado de minha escola ; gravem apenas meu nome na pedra que me cobrir os restos. Quando a escavarem as gottas que caem do céu, os homens não de ser mais justos para comigo.»

E o foram. Entre os povos cultos, poucos nomes merecem hoje tanta veneração, como o de João Henrique Pestalozzi, o pae da pedagogia contemporanea.

Sob seu nome, por toda a parte, se fundam sociedades, se publicam jornaes, se abrem estabelecimentos

de ensino. Livros, a constituem bibliothecas inteiras se escreveram e se escrevem sobre sua vida, sobre seu methodo, sobre suas obras.

E, em mais de uma pobre escola de aldeia, na Suissa, na Allemanha, lá vereis suspensa à parede, como unico ornato, a grosseira imagem de suas feições, a perpetuar-lhe a vida, o nome e a imitação (1).

A posteridade não foi injusta para aquella que, durante oitenta annos de sua vida laboriosa, repassada de amarguras, devotou-se pela ideia mais fecunda dos tempos modernos (2) : a regeneração dos povos pela educação elementar ; para aquella que dessa ideia fez sua unica paixão, a que parecia abafar-lhe no coração todas as paixões ordinarias do homem, todas as paixões egoistas.

Pestalozzi não excedeu, não egualou seus grandes predecessores e contemporaneos, nem pela cultura geral, nem pelo alcance de vistas pedagogicas, nem por um ensino methodico, nem por um talento de organização e direcção, nem por creações permanentes.

Pelo contrario, em todos esses pontos de vista, levam-no a melhor muitos pedagogos. (3).

O que o fez grande, o que o tornou o mais celebre de todos, o que o elevou a uma gloria immortal, foi seu amor, inexcedivel, inexhausto pelos pobres, fracos e ignorantes : foi seu coração puro, sua alma ardente, seus infatigaveis esforços, seu sublime sacrificio pelo bem estar moral e intellectual da humanidade.

«Pestalozzi—diz Ch. Dolfus—teve o genio do amor e este, concentrou-se em tudo quanto na terra ha mais digno de excital-o : as creanças e os pobres. Esses dous amores, uniu-os Pestalozzi em um só ; e, até a mais completa abnegação, amou a creança pobre, o orphão da sociedade, consagrando-lhe todos os movimentos de seu coração, todos os momentos de sua vida.

Si em outra época--diz um deseus

(1) A. Cochin, «Pestalozzi---sa vie, ses œuvres.»

(2) R. de Guimps---Histoire de Pestalozzi.»

(3) Dittes---«Histoire de l'éducation», traducção de A. Redolfi.

biographos--si em outro meio vivera, Pestalozzi fôra um santo, e poucos tem a igreja catholica que sejam maiores e mais puros.

João Henrique Pestalozzi nasceu, em Zurich, na Suissa, a 12 de Janeiro de 1746. Mal contava seis annos de idade, quando lhe morreu o paes cirurgião de origem italiana.

«Minha mãe--diz Pestalozzi no *Canto do cysne*--sacrificou-se pela educação dos tilhos com uma completa abnegação, privando-se de tudo o que lhe podia ser agradável. Auxiliou-a uma pessoa cujo nome jamais se apagará de minha memoria. Pouco tempo depois de ter ella entrado para nossa casa, como criada, grangeou-nos a estima por sua fidelidade e rara energia.

Afflicto com as consequencias de sua proxima morte para uma familia que ia deixar quasi sem recursos, meu pae chamou-a e disse-lhe : «Babelli, pelo amor de Deus e de todas as suas compaixões, não abandones minha mulher ! Que será della depois de minha morte ? Q' será dos meus filhos entregues a mãos estranhas ? Sem teu auxilio, ella não poderá educal-os.» Tocada na nobreza e singela innocencia de seu coração, ella foi magnanima até o sacrificio. «Si o senhor morrer, disse Babelli, não abandonarei sua mulher ; enquanto eu viver, ficarei com ella, se precisar de mim.» Estas palavras tranquillizarão a meu pae moribundo ; a satisfação brilhou-lhe nos olhos ; expirou com o coração consclado.»

A creada cumpriu a promessa.

A infancia de Pestalozzi passou-se entre essas duas mulheres: sua mãe e a fiel creada.

Por excellentes que fosse sua primeira educação, sobretudo quanto ao desenvolvimento do coração, ficou e necessariamente devia ficar incompleta.

Quasi sempre encerrado na estreita habitação da familia, faltaram-lhe inteiramente, como elle mesmo o confessa, todos os meios e attractivos essenciaes ao desenvolvimento da força da experiencia, da maneira de pensar e dos exercicios viris, quando mais precisos lhe foram.

Sua natureza era sentimental, viva, impressionavel. «Pestalozzi, di-